



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

A SEXUALIDADE NO ARMÁRIO PARA OS JOVENS DA ILHA

Letícia Carolina Pereira do Nascimento (UFPI/CAFS)

Antes do armário: uma breve introdução

A figura do armário é bastante emblemática para o movimento LGBT, sair do armário foi, e as vezes ainda é, uma imposição daqueles que conseguem viver, apesar dos dispositivos normatizadores, suas sexualidades de modo público. O armário em grande parte nas análises é compreendido como um dispositivo de repressão sexual. Nesse texto, de outro modo, tentamos trazer à tona outras possibilidades de viver/sentir o armário na experiência sexual de jovens. O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa que teve por objetivo analisar as linhas de pensamento dos jovens do ensino médio de uma escola pública em Ilha Grande (PI) por meio dos “confetos” (conceitos+afetos) produzidos sobre o tema sexualidade na escola.

Como método de pesquisa, utilizamos a sociopoética, que acredita na produção coletiva do conhecimento produzindo pelo corpo inteiro em suas dimensões afetivas, espirituais, sensoriais, artísticas e tantas outras (GAUTHIER, 2012). Na sociopoética, não há a coleta de dados, mas sim a produção de confetos, que são conceitos perpassados por afetos, que misturam, portanto, razão e emoção (ADAD; PETIT, 2009). O método sociopoético busca retirar o pensamento da condição sedentária de reconhecimento, de reprodução, de imitação. Os dispositivos sociopoéticos buscam conferir ao pensamento uma condição nômade de invenção, de criação de conceitos.

Para propiciar uma experiência de pesquisa que produza dados com o corpo em suas múltiplas dimensões, a sociopoética se realiza a partir de oficinas, onde o pesquisador-oficial e os copesquisadores constituem o grupo-pesquisador. Durante a



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

oficina, desenvolvem-se técnicas artísticas de produção de dados; no caso desta pesquisa, utilizamos a técnica Cartografias Sexuais.

A técnica em questão envolveu primeiramente exercícios de ativação corporal; em seguida, ainda com os corpos em movimento, foram distribuídos novelos de lã para que os jovens soltassem as linhas da sexualidade em múltiplas direções a partir de seus percursos. Após a formação de um emaranhado de linhas, os jovens mergulharam no rizoma da sexualidade na escola e, ao sair, cada um traspôs a experiência vivida para a linguagem plástica usando um papel e tinta guache; posteriormente, houve a partilha do sensível, na qual os jovens falaram de suas experiências.

A partir dessa potente experiência no contato entre os corpos, na multiplicidade colorida das lãs, os jovens da Ilha¹ imbricados e implicados na pesquisa produziram variados confetos que possibilitaram a problematização da temática sexualidade na escola. Neste artigo, trazemos um recorte da análise filosófica - momento da pesquisa sociopoética em que cruzamos os confetos produzidos pelo grupo-pesquisador com as teorizações e estudos de pesquisadores e pesquisadoras importantes para a discussão da temática sexualidade. Especificadamente, neste texto trago a potência do confeto Sexualidade Enganchada no Armário.

Abrindo o armário...

Mergulhando nas linhas de pensamento do grupo-pesquisador, um problema evidenciou-se de forma marcante, quase como um turbilhão bagunçando nossos corpos: os jovens traziam relatos de violências na escola, falavam de *bullying*, de uma sexualidade que se enganchava no armário. Nesse complexo contexto escolar de

¹ Denominamos jovens da Ilha os nove jovens entre 17 e 21 anos que voluntariamente se tornaram copesquisadores da pesquisa, os jovens entre garotos e garotas estudam numa escola pública de ensino médio localizada no município de Ilha Grande, extremo norte do Piauí.



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

sociabilidades juvenis permeado por comentários, fofocas, *bullying* e preconceitos, os jovens da Ilha dão possibilidade para o surgimento do confeto Sexualidade Enganchada no Armário.

De acordo com o grupo-pesquisador, esta é uma sexualidade em que a pessoa não quer assumir o que ela é; e quer sair do armário, mas não consegue. Ela está presente no trajeto e não está porque as pessoas que são bissexuais têm medo de assumir, por medo do preconceito dos amigos, e, por isso, ficam lá escondidos; não saem do armário, ficam escondidos lá e pronto; aí têm vergonha de se assumir dos preconceitos, estabelecendo assim uma ideia ambígua para o confeto Sexualidade Enganchada no Armário, pois, ao mesmo tempo em que essa sexualidade está, ela não está na escola.

A questão do armário na sexualidade está intimamente associada à discussão de que as pessoas devem assumir suas identidades sexuais. Nesse caso, o armário funciona como um dispositivo de ocultação e silenciamento de determinadas identidades sexuais. Ao criar o paradoxal confeto Sexualidade Enganchada no Armário, os jovens explicitam não um armário hermeticamente fechado, mas um armário que pode ter mais de uma entrada e de uma saída, na medida em que alguns jovens podem escolher se assumir na escola e não se assumir na família, ou ainda se assumir para alguns amigos que confiam e não para todo mundo. O armário, portanto, comporta ao mesmo tempo o ocultamento e a revelação.

Para Sedgwick (2007, p. 27) “A imagem do assumir-se confronta regularmente a imagem do armário”. Para a autora, essas imagens são atravessadas por tantas outras ambiguidades que marcam epistemologicamente a sexualidade, como: feminino/masculino privado/público, segredo/revelação, conhecimento/ignorância, homossexual/heterossexual. Essas ambiguidades rígidas passaram a ser abaladas desde



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

a década de 1960 com a organização do movimento feminista e, posteriormente, em 1970 com o movimento social homossexual.

Ao analisar o processo de construção de uma política de identidade por parte da militância homossexual brasileira e estadunidense, Louro (2004, p. 32) assevera que “a afirmação da identidade supunha demarcar suas fronteiras e implicava uma disputa quanto às formas de representa-la” A questão de assumir-se passou a ser uma estratégia política para o movimento homossexual, à medida que, quanto mais pessoas se assumiam, o movimento ganhava maior visibilidade na luta por seus direitos.

Assim os grupos homossexuais passaram a se organizar e funcionam como verdadeiras comunidades de acolhimento e suporte para as pessoas que optam por “sair do armário”. O *slogan* “sair do armário” tem se constituído uma das principais bandeiras para o fortalecimento do movimento homossexual. “Sair do armário” sugeria emergir do confinamento e da ocultação, realizar um movimento do sigilo para a afirmação pública (SPARGO, 2006, p. 28).

Para o movimento homossexual, o armário era símbolo da opressão pela qual passavam as pessoas que não se enquadravam na norma heterossexual, por isso a grande ênfase dada nas primeiras décadas do movimento a esse processo de “sair do armário”. Mas por que ficar no armário? O grupo-pesquisador destacou que as pessoas não assumem sua sexualidade por medo do preconceito dos amigos, e neste ponto percebo como as relações sociais que se estabelecem na escola podem ser repressoras.

Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo outras. (LOURO, 2001, p. 31).

Sedgwick (2007), ao propor uma epistemologia do armário, destaca como o armário pode ser considerado um dispositivo de regulação da vida social que limita e



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

impõe uma vida dupla às pessoas que se desviam da norma heterossexual, vivendo de maneira clandestina suas sexualidades. Ao mesmo tempo, relegados ao segredo, ao não se assumirem, esses desviantes garantem aos heterossexuais seus direitos e privilégios.

Atevemo-nos a realizar outra reflexão, diferente das que apontam o armário como ícone repressivo, orientados pelo pensamento de Foucault (1988), que propõe pensar as relações entre poder e prazer. Percebemos como as interdições capazes de subjugar uma sexualidade ao armário podem ter um duplo efeito: ao mesmo tempo que proíbem, incitam o prazer.

O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e os controles familiares podem, muito bem, ter como objetivo global e aparente dizer não a todas as sexualidades errantes ou improdutivas mas, na realidade, funcionam como mecanismos de dupla incitação: prazer e poder. Prazer em exercer poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travestí-lo. [...] Tais apelos, esquivas, incitações circulares não organizaram, em torno dos sexos e dos corpos, fronteiras a não serem ultrapassadas, e sim, as perpétuas espirais de poder e prazer (FOUCAULT, 1988, p. 52-53).

A sexualidade clandestina associa perigos a prazeres. O armário comporta cobiças proibidas, paixões secretas, amores bandidos, desejos sádicos, fetiches ocultos, sensações masoquistas, experiências sexuais desviantes vividas de forma subterrânea; negar desejos para realizá-los de maneira mais intensa e perigosa; sentir o medo correr nas veias, paralisar-se por segundos, para depois entregar-se voluntariamente ao ilícito. O armário, comporta jogos de desejos, brincadeiras com o poder, toda uma trama de resistências, sujeições e desvios; o ser e não ser, o está e o não está e a ambiguidade-multiplicidade do confeto Sexualidade Enganchada no Armário.



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

Nas fronteiras do armário: algumas conclusões

A partir das experiências dos jovens da Ilha, percebe-se que o armário é para alguns uma possibilidade íntima daquele que escolhe quando, onde e o que revelar; é um estranho segredo oculto e revelado. O confeto Sexualidade Enganchada no Armário destaca que apesar da repressão existe a possibilidade de “abrir as portas do armário” na escola e em outros espaços, a partir das escolhas dos próprios jovens. Apesar do lugar da repressão, há a criação de outros lugares para experienciar os desejos proibidos, que não podem ser públicos, mas, podem ser vividos.

Não desconsideramos o armário como um mecanismo opressor, mas, tocados pela potência ambígua do confeto sexualidade enganchada no armário e pelas leituras de Foucault (1988), tornou-se possível oferecer outra ideia de armário nos contornos de um dispositivo de poder- prazer. Não descartamos a necessidade de mecanismos educativos que busquem refletir os processos discriminatórios e regulatórios da sexualidade que impõem o padrão heterossexual e frequentemente desencadeiam processos de violência.

REFERÊNCIAS

ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée. Ideias sobre confetos e o diferencial da sociopoética. **Entrelugares**, Fortaleza, v. 1, n. 2, mar./ago. 2009. Disponível em: <<http://www.entrelugares.ufc.br/phocadownload/sandraeshara-artigos.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2014.

CORAZZA, Sandra. **O que quer um currículo?** Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 21. reimp. Rio de Janeiro: Graal, 1988.



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

GAUTHIER, Jacques. **O oco do vento**: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. Curitiba: CRV, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Trad. Tomaz T. da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-34.

_____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre a sexualidade e teoria *Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 28, p. 19-24, jan.-jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2014.

SPARGO, Tasmim. **Foucault e a teoria Queer**. Trad. Vladimir Freire. Rio de Janeiro: Pazlin; Juiz de Fora: UFJF, 2006